



DE MANSÃO A MUSEU PARANAENSE

Ao viajar para a Alemanha na década de 20, Júlio Garmatter se encantou por uma mansão situada na cidade de Wiesbaden. Era exatamente o que ele buscava para conseguir marcar sua posição na sociedade curitibana. Afinal, o renomado empresário do ramo frigorífico ainda residia em um modesto apartamento localizado em cima de seu açougue. Muito pouco para alguém que queria inserir seu nome na aristocracia paranaense.

Garmatter não pestanejou e adquiriu a mesma planta para construir um palácio praticamente idêntico ao da Alemanha em solo curitibano. O arquiteto Humberto Mezzadri afirma que naquele época existiam no máximo que dez casas daquele porte na capital paranaense. “Ele tinha que marcar sua posição respeitável dentro da sociedade. Foram realizadas algumas adaptações e a casa foi construída”, completa.

O terreno não poderia ser melhor. A região do Alto São Francisco, no chamado Centro Histórico da capital paranaense, era capaz de dar uma visão ímpar da cidade. Imagens mais antigas mostram que era possível avistar a casa a quilômetros de distância.

A construção foi executada, entre 1928 e 1929, sob responsabilidade do engenheiro Eduardo Fernando Chaves. Com aproximadamente 30 cômodos, sendo oito quartos, a mansão Garmatter foi a primeira residência de Curitiba em que a garagem dava acesso direto à entrada da moradia. “Outra novidade para a época foi o uso de concreto armado, inclusive no terraço que dava a volta em toda a casa”, conta o arquiteto.

Aos 51 anos, Garmatter e sua família foram morar no palácio – formado por dois pavimentos, subsolo e sótão. O estilo da construção espelha o período de transição entre o ecletismo neoclássico e o modernismo. Mezzadri salienta ainda que o espaço contava com duas escadarias. “Uma era a principal para o uso dos proprietários e outra secundária para os empregados”.

[...]

A mansão chamou tanto a atenção da sociedade que o então interventor do estado, Manoel Ribas, insistiu para que Garmatter vendesse a propriedade ao governo estadual. Em 1938, a mansão passou a funcionar como sede do governo estadual e ficou conhecido como Palácio São Francisco. [...]

[...] O governo permaneceu no espaço até 1953, quando o Executivo ganhou sede no Centro Cívico.

No início da década de 60, o prédio passou a servir ao Tribunal Regional Eleitoral, onde ficou até o final dos anos 80. Durante esse período foi construído um bloco anexo à construção. O imóvel foi tombado pelo Patrimônio Cultural do estado em 1987.

Trechos da Parte III – Lugares Históricos do livro: **PARANÁ: Uma História**, de Diego Antonelli, Curitiba: Arte&Letra Editora, 2016, p. 197-98.